



incomum

revista

v.3 n.3 | 2022





incomum

revista

v.3 n.3 | 2022

Instituto Federal de Goiás - IFG

Campus Aparecida de Goiânia

**Revista do Grupo de Pesquisa em Arte,
Educação, Profissionalização e
Comunidades - INCOMUM**

V.3, n.3 2022

ISSN: 2675-7176

<https://revistas.ifg.edu.br/incomum>

Editores:

Alexandre José Guimarães

Roberto Rodrigues

Rousejanny da Silva Ferreira

Tainá Dias de Moraes Barreto

Fotografia de capa: Alexandre Guimarães,
a partir de intervenção artística na Praça da Liberdade, em
Belo Horizonte, desenvolvida pelos participantes do colóquio.

Projeto gráfico: Alexandre Guimarães.

Aparecida de Goiânia, Estado de Goiás - Brasil

Outubro de 2022


INSTITUTO
FEDERAL
Goiás

Indexação:



latindex


REDIB


Google Scholar

CORPO EXPERIÊNCIAS
DESIGN CORPO DESIGN
EXPERIÊNCIAS CORPO
EXPERIÊNCIAS CORPO

COLÓQUIO DE PESQUISA EM ARTES

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Instituto Federal de Goiás - IFG

Programa de Pós-Graduação em Artes - UFMG
Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES/IFG

21 a 23 de junho de 2022

DOSSIÊ: CORPO DESIGN EXPERIÊNCIAS

Anais do Colóquio de Pesquisa
em Artes: Corpo Design Experiências

Página do evento:

<http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=3>



Organização do evento

Dra. Alba Pedreira Vieira
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Dr. Alexandre José Guimarães
Instituto Federal de Goiás - IFG

Dra. Lucia Gouvêa Pimentel
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Dr.ª Valéria Maria Chaves de Figueiredo
Universidade Federal de Goiás - UFG

Juliana Palhares - Apoio
Doutoranda do PPG Artes - UFMG

Cinara Santana - Apoio
Discente da Licenciatura em Dança - IFG

Jenny González Muñoz - Apoio
Professora Visitante do PPG Artes - UFMG

Comitê científico

Dra. Alba Pedreira Vieira
Universidade Federal de Viçosa - UFV

Dr. Alexandre José Guimarães
Instituto Federal de Goiás - IFG

Ma. Bruna D'Carlo Rodrigues de Oliveira Ribeiro
PUC Minas Gerais

Ma. Flávia Borsani Marques
Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Dr.ª Leda Maria de Barros Guimarães
Universidade Federal de Goiás - UFG

Dra. Lucia Gouvêa Pimentel
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Dr.ª Luciana Gomes Ribeiro
Instituto Federal de Goiás - IFG

Dr.ª Valéria Maria Chaves de Figueiredo
Universidade Federal de Goiás - UFG

Apresentação

Experiências com design, educação, arte e somática constituíram o tema do nosso encontro “Colóquio de Pesquisa em Artes - Corpo Design Experiências”, realizado por meio da parceria entre os programas de pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - PPG Artes e o Instituto Federal de Goiás, por meio do PROFARTES - Mestrado Profissional em Artes. O evento, realizado em Belo Horizonte - Minas Gerais, nos reuniu em torno dos debates sobre as possibilidades de diálogos e desdobramentos pluriepistemológicos e polilógicos no campo da pesquisa em Artes e áreas afins.

Esta nossa publicação é uma aventura acadêmica, artística e colaborativa. Resolvemos transformar em publicação nossa experiência em camadas de afetividade, de encontros e de trocas privilegiadas pelo encontro de dois programas de pós-graduação representados por 4 professor@s de instituições públicas federais de ensino em Goiás e Minas Gerais: Alba Vieira, Alexandre Guimarães, Lucia Pimentel e Valéria Figueiredo.

Com poderoso efeito humanizado, acreditamos na transformação propiciada pela arte e pela educação. Nosso contexto se deu como primeiros encontros pós auge da pandemia pela Covid19, propiciando a arte da presença como lugar de reflexão e discussão. Realizamos, assim, caminhos poéticos e democráticos que serviram como lugar de resistência e existência, ao dar potência às nossas ações criativas.

Nesse sentido, apresentamos um conjunto de 16 resumos expandidos de trabalhos apresentados por estudantes de pós-graduação das duas instituições, durante os dias 21, 22 e 23 de junho de 2023. São abordados temas que articulam artes visuais, música, dança, teatro em interface com a educação; pedagogias da dança; corpo e somática; pesquisa artística; processos criativos em sala de aula; design e educação; audiovisual; videodança; imagem fotográfica; projetos colaborativos; arte e diversidade; formação de professor@s; arte afro-brasileira e arte na educação infantil, dentre outros. Que os trabalhos apresentados neste dossiê sejam uma forte inspiração para aprofundarmos cada vez mais a pesquisa e a área de Artes no Brasil. Boa leitura!

Comitê Científico

(IN)FESTAR DE VAGALUMES: CELEBRAÇÃO Y REVOLTA EM QUANDO QUEBRA QUEIMA

Alana dos Santos Schambakler
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
e-mail: aschambakler@ufmg.br

Palavras-chave: levantes; secundaristas; corpo.

O tema dessa pesquisa me desperta muita paixão, “aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula.” (hooks, 2013, p.255) para iniciar quero convidar o desejo, o brilho no olho e sorriso no rosto para trabalhar em busca de um horizonte de possíveis transformações.

Nesse trabalho, irei articular o conceito de levantes, a partir do movimento secundarista no estado de São Paulo, convergindo para o espetáculo Quando Quebra Queima da coletiva A ocupação.

Grupo formado por 15 alunes-artistas-militantes que participaram, com milhares de alunes¹ⁱ, do movimento de secundaristas em 2015 e 2016. Ocupando suas escolas, para impedir que fossem fechadas, diante da imposição de um decreto de suposta reorganização escolar do governo do estado. E, em seguida, trabalham seus corpos para expandir no campo da atuação cênica, a experiência vivenciada no movimento.

Mãos, braços que se elevam, bocas que se abrem. Revolta. Levantes emergem em tempos sombrios por um sentido de força vital, desejo. Por elementos desencadeadores e corporalidades que expressam resistência e oposição ao estado de opressão. (Didi-Huberman, 2017).

Cair e levantar, anunciando o delírio de viver e ser livre, a revolução também opera nos encontros, afetos sensíveis, chorosos e risíveis. Ninguém fique se imaginando só. Andorinha só não faz verão. As levantes são coletivas e por aqui as chamamos por As, para contrariar o sistema patriarcal.

¹ Uso de pronome neutro para linguagem inclusiva.

Referências

ARTAUD, Antonin. O teatro e seu duplo. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BACO, Exu do Blues. Bluesman. Salvador. Selo 999, 2018. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>. Acesso em 31 de julho. 2022

BARBA, Eugênio. Queimar a casa. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CAMPOS, Antonia; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Marcio. Escolas de luta. São Paulo: Veneta, 2016.

CONTRA FILÉ, Coletivo. A batalha do vivo. São Paulo: Playgrounds, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____. Catálogo da Exposição Levantes. São Paulo: Editora Sesc, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RAQUEL, Fernanda; SOUZA, Virgínia. Sobre ocupações e deslocamentos ou como organizar a fúria em cena. Periódicos Unicamp 2020. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661718/25770>

ARTE, VIDA, SOMÁTICA E OUTRAS PEDAGOGIAS

Andréia Macêna da Silva
IFG - Campus Aparecida de Goiânia
macenagyn@gmail.com

Palavras-chave: educação; artes; pedagogia.

Esta pesquisa em fase inicial objetiva conhecer a realidade do trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas de educação infantil, no Município de Aparecida de Goiânia, e suas relações com a dança, música, teatro e outras linguagens artísticas. Meu foco é a formação do professor e sua atuação, bem como o processo de aprendizado e a transdisciplinaridade considerando o currículo e as Artes. Pretendo propor ações que possam contribuir para uma formação integral dos alunos. Essa pesquisa exploratória, bibliográfica e empírica tem como aporte teórico: Dewey (2010), Alba Vieira (2011), Brotto (2014), Beatriz Sousa (2021), e como bibliografia complementar, Piaget, Vygotsky e Wallon.

Faço um retrospecto permeando minhas vivências que antecederam o contato com a disciplina Artes do corpo e práticas pedagógicas, do Mestrado em Arte e Educação (IFG). Surgiram inquietações referentes à minha formação na graduação de Licenciatura em Pedagogia, e a atuação dos demais pedagogos quanto à utilização em suas práticas educacionais de nuances que permeiam as práticas somáticas, e relações com a arte no contexto educacional.

Partindo de um tripé teórico que abarca a educação, Piaget, Vygotsky e Wallon, aliado ao que foi aprendido nas aulas da disciplina, o que fica mais evidente foi essa necessidade em dar continuidade à pesquisa em andamento (BROTTO; SANTOS, 2014) questionando: Que pedagogias são praticadas nas escolas atualmente?

O saber deve ser em sua totalidade, e não o saber para concluir um cronograma predeterminado e superficial, sem as experimentações corporalizadas. O conhecer o corpo e com o corpo por meio da arte e somática faz todo o sentido. “Educação somática, porta para o Reino das Sensações. Nosso fazer-em-dança não é inédito: há décadas, intérpretes e coreógrafos vêm usando os recursos da Educação Somática

como ponto de partida para a criação” (Vieira, 2016, p.33-34).

Ademais, o corpo precisa estar totalmente envolvido no ato educacional:

Essa intimidade vital da ligação não pode ser alcançada quando apenas a mão e os olhos estão implicados. Quando ambos não agem como órgãos do ser total, existe apenas uma sequência mecânica de senso e movimento, como um andar automático (DEWEY, 2010, p.130-131).

Ao compreender que o professor deve ser um eterno provocador, como exposto por Klauss Vianna (2008), tais provocações vão do âmbito da dança aos processos formativos com questionamentos que promovem a busca por escolher estratégias que favoreçam os processos criativos. Essa provocação tende a favorecer a percepção do corpo, do movimento e da aquisição do saber (VIANNA, 2008).

Durante o Colóquio Pesquisa em Artes 2022, ocorrido em Belo Horizonte, com a parceria do Instituto Federal de Goiás/IFG e Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, embora não tenha tido condições de experienciar presencialmente o evento, os meios eletrônicos nos propiciou deliciar com as múltiplas culturas e pluralidades de cada participantes. Esse contexto foi capaz de despertar curiosidades e anseios em conhecer de forma integral pesquisas em andamento e as concluídas que os participantes expuseram na escola de Belas Artes -EBA / UFMG, e também conhecimentos mediados pelas nossas professoras Alba Vieira e Valéria Figueiredo.

A participação de professores e alunos pesquisadores em eventos dessa grandeza favorece uma melhor compreensão do que foi construído ao longo da disciplina, pois os envolvidos detêm um maior engajamento em suas pesquisas e produções, seja por meio da dança de práticas de movimentos, cantigas de roda ou aliando performance e poesia. Refiro-me como ‘performance e poesia’ a apresentação da professora Alba Vieira intitulada Matamba (2022). Tudo isso me motiva a repensar atitudes no que tange à educação.

Por se tratar de uma pesquisa em fase inicial, essas não são considerações finais ou dados a serem apontados, apenas inquietações e reflexões a serem aprofundadas.

PENSAMENTOS DO CORPO NA DANÇA: A IMPROVISAÇÃO E A COMUNICAÇÃO DO DESEJO

Giovanna Lara de Lima Sousa

Bacharel pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Aluna especial no PPG Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

gilara0699@gmail.com

Palavras-chave: pulsão; linguagem; dança.

Para Lacan (*apud* FERREIRA, 2022), o inconsciente é estruturado como linguagem. Nessa pesquisa, o corpo é uma forma de linguagem, assim, há associação direta entre o mesmo e o inconsciente. Problematisa-se a relação entre as pulsões inconscientes e o fluxo de pensamentos que são gerados através da produção dos movimentos na dança. Na relação não dicotômica entre corpo e psiquismo, o corpo que se movimenta na arte produz várias qualidades de movimento e pensamentos ao dançar. Buscou-se entender a pulsão no corpo e nos movimentos que ele produz, fazendo intersecção com a participação do inconsciente neste processo, relacionando, desejos e pulsões inconscientes na perspectiva do corpo como linguagem. Explorando assim, a relação entre as pulsões inconscientes, e o fluxo de pensamentos que são gerados através da produção dos movimentos na dança, e de que forma os pensamentos também alimentam os movimentos, e como isso gera um ciclo entre pensamento - movimento.

A partir de uma pesquisa exploratória, foi realizada uma experiência prática que consistiu em: escrita do estado físico e mental anterior à dança; improviso de dança; escrita automática. A experiência descrita em um diário de bordo foi realizada durante sete dias consecutivos e se fez como apoio na pesquisa dos conceitos: na dança, pensamento e movimento; e sobre o inconsciente, pulsão, linguagem e desejo.

Durante o improviso da dança, nota-se alguns acontecimentos. Tanto em relação a movimentos, como tensão, pausas ou acentuações, quanto no que diz respeito ao movimento de ideias, memórias e sensações. Esse momento possibilita uma composição

O ENSINO DAS ARTES VISUAIS EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA: UMA PROPOSIÇÃO DIDÁTICA NA ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ MIRANDA SOBRINHO

Ivana Rocha
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
arte.ivana@gmail.com

Palavras-chave: ensino remoto; instalação artística; artes visuais.

Com as salas de aula fechadas, devido a pandemia causada pela covid-19¹, a necessidade de novas proposições pedagógicas para um ensino remoto foi imediata. Diante de tamanha urgência, a Secretaria Municipal de Educação do município de Betim (SEMED)² precisou buscar meios para seguir com o ano letivo, nesse caso, passou a disponibilizar, aos alunos da rede, atividades remotas. Essas atividades podem ser tomadas como ponto de partida para refletir sobre os desafios que estão emergindo em relação à construção do conhecimento em Arte nesse contexto de pandemia. Diante disso, especificamente, há que se pensar se as atividades criadas no contexto emergencial oferecerão, de fato, fruição e experiências artísticas aos estudantes.

O objetivo desta pesquisa é realizar uma proposta didática em artes visuais com uma construção baseada na Instalação Artística em Arte Contemporânea. Para alcançar esse objetivo, pretende-se apresentar uma investigação a partir de uma observação participante, com um olhar voltado essencialmente aos estudantes. De acordo com Creswell (2014) a pesquisa qualitativa envolve a natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto e da reflexão do pesquisador sobre os relatos apresentados. Assim, espera-se que seja possível conhecer os estudantes, seus contextos familiares, suas formas de viver, seus modos de ser e estar no mundo.

Esta pesquisa abordará uma discussão teórica sobre alguns aspectos considerados relevantes para ensino de artes visuais como: a Abordagem Triangular, a potencialidade dos imprevistos e das experiências trazidas pelos estudantes para oportunizar

¹A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus> Acesso em 19 abr. 2021.

²Disponível em <https://sites.google.com/semmed.betim.mg.gov.br/estudabetim> Acesso em 05 jul. 2020.

aprendizagens significativas, os objetos estendidos, a incitação à criação artística por meio da Arte Contemporânea, a Instalação como práxis artística levando a desconstrução de espaços e ideias no ambiente doméstico. Apresentará, também, algumas distinções entre o Ensino Remoto Emergencial (ERE) e a Educação a Distância. Compreenderá, ainda, um relato de minha experiência pedagógica no processo de lecionar para estudantes dos oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental de Betim/ MG. Tal relato provavelmente se constituirá por atravessamentos, memórias, reflexões, desejos e anseios. Relatarei minha busca contemplando os caminhos mais significativos para mim e para meus discentes.

Pretende-se para a efetivação deste projeto, utilizar os espaços educativos *on line* das galerias e centros culturais de arte, plataformas de videoconferências, redes sociais e aplicativos de mensagens instantânea como o *WhatsApp*.

Outro ponto que merece destaque é a mudança de perspectiva do aluno, adotando-se um caminho que o tire do lugar de expectador. Postura que, aliás, deve se estender a mim, como educadora e proponente da experiência. Almeja-se que a provocação proposta por essa inversão dos lugares, e de reflexões a partir dela, possa encorajar os alunos a utilizar materiais culturais e objetos do seu cotidiano para desenvolver, a partir de dinâmicas em seu grupo familiar, ou individualmente, eles mesmos, uma produção artística a partir de suas experiências e ideias, baseado em sua realidade. Segundo Pimentel (2015) o processo artístico está intimamente ligado à experiência, os estudantes terão a oportunidade de compartilhar, ao restante da turma, seu processo artístico. Afinal, o professor não tem que assumir a figura de gerenciamento, ele deve se colocar como um facilitador.

Os principais autores até então trabalhados são Andrade (2014), Antunes (2020), Pimentel (2011), Zamperetti (2021) entre outros, os quais subsidiarão esta pesquisa por meio de uma revisão bibliográfica.

A proposta didática de Instalação em Arte Contemporânea será elaborada considerando os interesses presentes dos estudantes no contexto do ERE. Será concebido especificidades e individualidades de cada um, oriundas de contextos econômicos, familiares, culturais e afetivos diversos, respeitando seus lares, relações familiares, conectividade e tecnologias disponíveis para a realização das atividades propostas dentro deste contexto pandêmico.

Tem-se a expectativa que as experiências em Instalação Artística, construídas nos espaços dos lares durante o ERE, agreguem na compreensão dos conceitos e processos artísticos trabalhados durante essa vivência. Espera-se que essa compreensão

perpasse também pela família. Conforme Visioná (2021), de maneira que as pessoas que participam do processo de criação e também as que participam do processo de implementação, contribuam no percurso de construção do conhecimento em Arte, deve-se repensar a prática pedagógica a partir da coletividade dando independência e autonomia aos estudantes.

Referências

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução, Sandra Mallmann da Rosa, revisão técnica: Dirceu da Silva. 3 ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **Ouvirouver**, Uberlândia v. 11 n. 1 p. 88-98 jan./jun. 2015.

VISIONÁ, Paula Cristina. O design participativo como metodologia de trabalho na educação formal e em práticas cotidianas. [Entrevista concedida a] Jaqueline Ferreira Holanda de Melo. **Ensinarmode**, vol. 4, n. 3, p.190 - 200, 2594-4630, out. 2020 - jan. 2021.

MONTAGEM EXPERIMENTAL: COMO COMPARTILHAR OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL DAS CRIANÇAS DO CP/UFMG?

Liana Lobo Baptista
Centro Pedagógico - UFMG
e-mail: lianalobo@ufmg.br

Palavras-chave: Audiovisual; Processo; Escuta.

No Centro Pedagógico (CP) – Escola de Educação Básica da UFMG – sou responsável pela oferta da linguagem Audiovisual nas aulas de Arte. Pesquisando a minha própria prática (Zaidan et al, 2018), deparo-me com a problemática de como compartilhar as experiências singulares e processuais de Educação Audiovisual vivenciados com as crianças do CP. Parto da ideia de que é a qualidade estética de uma experiência de pensamento que a torna integral (Dewey, 2010), sendo assim proponho a realização de algumas ‘montagens experimentais’ – em formato de vídeo – que evidenciem os processos e as falas das crianças nas aulas de Audiovisual.

Em ensino remoto no ano de 2021, as experiências coletivas vivenciados por uma turma de crianças de 7 a 8 anos foram registradas, resultando em onze aulas gravadas e portfólios digitais de suas criações. O processo prevê ver e rever as gravações das aulas, buscando identificar momentos de sensibilização em aula – sensibilização ao outro, sensibilização para o mundo comum, sensibilização para o saber (Mergy, 2021) – sensibilizações que se repetem, que tensionam, ou nas quais os alunos mais se expressam e experimentam. Me interessa a perspectiva da sala de aula como uma situação social, onde há influência recíproca uns nos outros (Cajal, 2001), já que as sensibilizações em aula ocorrem a partir dos encontros e interações entre professora-pesquisadora (eu) e aquelas crianças educandas.

Nas interações e nos processos de criação, as crianças desejam, inventam e tensionam diferentes formas de Educação Audiovisual na escola. É central a esta pesquisa a atenção e a escuta ao que as crianças expressam. Como propõe Larrosa, um encontro com as infâncias que não seja nem de apropriação nem de re-conhecimento do que já se sabe, e sim a experiência de “colocar-nos à escuta da verdade que aquele que nasce traz consigo” (Larrosa, 1998).

Junto à autora Ursula K. Le Guin (1986), reflito que as narrativas que permeiam nosso imaginário estruturam-se como uma flecha – que começa aqui e vai direto pra lá para

ESCRITURAS DO ESPAÇO: O CORPO NA IMAGEM FOTOGRÁFICA — DISPOSITIVOS PARA PRESENÇA E ERRÂNCIA

Maíra Henrique Santos de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
e-mail: mairahso@gmail.com

Palavras-chave: fotografia; experiência; corpo.

Essa pesquisa tem o objetivo de investigar as relações entre a imagem fotográfica, o corpo e suas possibilidades de experimentações pelo estudo de metodologias onde se põe em prática a presença e a errância. A pergunta que motivou o início dessa pesquisa veio através de Delory-Momberger, referencial neste trabalho, quando ela propõe a reflexão: “sobre a maneira pela qual o espaço nos constitui e pela qual nos construímos, biograficamente, no e com o espaço, é perguntar-se sobre a maneira pela qual praticamos e experimentamos o espaço.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.69-70). Para discutir sobre essa hipótese utilizo primeiramente a pesquisa bibliográfica e documental, na qual busco levantar pontos importantes como autobiografia, performance, fotoperformance e a própria construção da imagem através de autores como Ana Berstein, Phillepe Dubois, Luciano Vinhosa e Rosalind Krauss; nos estudos da presença e errância me apoio em referências como André Lepecki, Gonçalo Tavares, Fayga Ostrower e Paola Berenstein. Ao mesmo tempo, através da pesquisa empírica, faço experimentações a partir do meu próprio trabalho, o que podemos chamar de prática como pesquisa, associado aos estudos bibliográficos e trabalhos de outras artistas que vou ao encontro.

Delory-Momberger (2012) define o corpo como “lugar-fundamento do habitar”. Essa ideia se aproxima de uma noção corpo-espaço como uma experiência de si e também de existência no mundo. Nessa pesquisa estou investigando principalmente os processos de construção da imagem fotográfica a partir do trabalho de Francesca Woodman, Trisha Brown e Lygia Clark, além do meu próprio trabalho, que partem de hibridismo de linguagens. Esses processos remetem a uma *prática como pesquisa*, na qual busco mais diretamente entender a ideia de *errância*¹ dentro dessa perspectiva.

¹ Ideia de “Errância como trabalho” discutida na obra “Errância como trabalho: sete notas dispersas sobre dramaturgia da dança” (LEPECKI, 2016).

COLETIVO CULTURAL: A VIVÊNCIA COLABORATIVA NAS ARTES CÊNICAS

Maria Helena Cunha
PPG Artes/UFMG
lenacunha@inspirebr.com.br

Palavras-chave: Teatro; processo colaborativo; gestão cultural.

Este trabalho refere-se à pesquisa de doutorado, em fase inicial, na linha de artes da cena, no PPG-Artes/UFMG, sob a orientação de Fernando Mencarelli¹. Tem como tema a problematização sobre a vivência colaborativa nas artes cênicas e objetiva investigar os processos colaborativos que transcendem as experiências criativas e alcançam os processos organizacionais dos grupos, buscando os elementos do campo da gestão cultural que subsidiam o modo de fazer coletivo.

As reflexões de Trotta nos fornecem elementos de análise sobre a vivência coletiva, ao ponderar que “no grupo, a profissionalização e o fazer teatral dizem respeito às formas produtivas e organizativas – a criação incide também e antes de mais nada, sobre todo o processo”, é quando se constrói a personalidade coletiva, ou seja: “Só há grupo quando o objetivo de cada integrante é o de formar e expressar a personalidade e a profissionalização do coletivo – e não a sua própria, [...]”. (TROTТА, 1995, p.22)

Vários elementos identificam os processos organizacionais colaborativos, em especial, a capacidade de atuar de forma horizontal. No teatro, o processo de criação colaborativo, segundo Araújo, pressupõe “a participação criativa coletivizada de todos os envolvidos no trabalho” e esse processo “se constitui num modo de criação em que cada um dos integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, tem espaço garantido” (ARAÚJO, 2008, p.11), o que significa um trabalho não hierarquizado e de autoria compartilhada. Nas palavras do dramaturgo José Alberto Abreu, o processo colaborativo “é um processo de criação que busca a horizontalidade nas relações entre os criadores do espetáculo teatral”. (ABREU, 2004, p. 01)

Na perspectiva dos processos formativos colaborativos há uma busca de soluções comuns e participativas, para tanto, deve-se desvencilhar de uma educação individualista e nos colocarmos diante de valores cooperativos, de autogestão e no uso de ferramentas

¹ Prof. Dr. da Escola de Belas Artes/UFMG e Pró-reitor de Cultura da UFMG.

com esta finalidade (ANTÓN, 2012). Considera-se como hipótese que um dos fatores que geram a dificuldade de acessarmos os processos colaborativos enquanto um formato de atuação profissional, vem da nossa própria escola, ou seja, “a ideia de uma ajuda mútua de uma partilha ou de uma troca horizontal de saberes é por assim dizer, estranha à escola que herdamos.” (MERGY, 2021, p.38) As trocas horizontais são mais eficazes e têm capacidade de mobilização dos recursos individuais e valorização do coletivo. Outros autores corroboram com essa ideia e apontam alguns fatores socioculturais que dificultam a concretização de trabalhos colaborativos:

[...] educação competitiva, excesso de cordialidade, paternalismo, individualismo, autoritarismo, dificuldade de lidar com a diferença. Todas estas categorias comportamentais, se não impedem, podem levar uma pessoa ou grupo a não vivenciar o trabalho colaborativo em toda sua potencialidade. (JARDIM, MOREIRA e ZIVIANI, 2010, p. 05)

O compartilhamento horizontal de saberes ainda está muito distante de grande parte da realidade do nosso sistema básico educacional e nos perguntamos: como queremos acessar novos formatos colaborativos de organização na vida adulta e profissional se a aprendizagem básica ainda é construída sobre uma outra lógica? É possível, mas pode-se tornar uma tarefa bem mais difícil de ser acessada.

O que instigou o desenvolvimento deste estudo, entre outras vivências profissionais, foi a experiência em um processo formativo colaborativo na área de planejamento estratégico com quatorze grupos de teatro de Belo Horizonte. Estruturou-se uma metodologia de formação flexível para o acompanhamento do planejamento dos grupos participantes. Sabíamos como começar os trabalhos, mas o formato de continuidade dependeria muito do grau de envolvimento dos grupos, cada passo era estruturado de acordo com a produção anterior. O seu diferencial era ser construído de forma coletiva e participativa, experiência que se identifica de forma processual com a disciplina Design-Educação, ministrada no âmbito dos programas PPGArtes/UFMG e PROFARTES/IFG².

A abordagem metodológica propõe o estudo comparativo de grupos teatrais criados a partir do século XXI (número ainda indefinido), tendo como um dos critérios a base territorial dos grupos, sediados em Minas Gerais e no Ceará, capital e do interior.

A pesquisa de campo recorre-se às técnicas qualitativas. Primeiro serão realizadas entrevistas semiestruturadas, entrelaçando as histórias pessoais à própria trajetória de vida

² A Disciplina foi ministrada por Lúcia Pimentel (UFMG) e Alexandre Guimarães (IFG)

VIDEODANÇA NA AMÉRICA LATINA: MULHERES EM MOVIMENTO

Maryah dos Santos Figueiredo
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
e-mail: maryah.figueiredo@aluno.ufop.edu.br

Palavras-chave: videodança; América Latina; feminismo.

Essa pesquisa em andamento foca três artistas que consideramos figuras centrais em videodança na América Latina: Analivia Cordeiro (Brasil), Pola Weiss (México) e Silvina Szperling (Argentina). Por meio de um recorte temporal entre 1970 a 1990, compartilhamos reflexões a partir de fragmentos de obras dessas artistas e das seguintes questões: Como se manifestam suas corporeidades e poéticas? Quais relações de suas obras com as transgressões de fronteiras entre arte e tecnologia? Quais conexões há entre seus depoimentos e experiências com ideias tidas como feministas?

A travessia nessa investigação se dará através de uma análise em movimento, isto é, propondo espaços e aproximações, dispositivos para traçar reflexões, de modo que a prática possa compor a pesquisa enquanto instância fundamentalmente integrada. Nesse sentido, teoria e prática estão em diálogo permanente, por vezes criando tensões e coexistências na busca de uma poética. Minha intenção de pesquisa e criação se coloca na relação com as obras escolhidas destas artistas, pois preciso engajar meu corpo tudo o que ele me constitui para essa busca. Do íntimo ao político.

No período delimitado nessa investigação, observamos que muito se experimentou na relação vídeo e dança, tornando esse um campo fértil. Explorar a trajetória, sobretudo latinoamericana, de artistas mulheres, é necessário para outros artistas e para a área da Dança, pois revela a complexidade de questões de gênero abordadas em singularidades contextuais e situadas. Principalmente porque destacamos nesse estudo a potencialidade dos atravessamentos políticos do corpo.

Rodrigo Alonso (2002), pesquisador argentino, ressalta que a América Latina está longe de ser um espaço homogêneo, mas duas coisas, entre outras, unem todo esse espaço: a instabilidade política e as dificuldades estruturais. Essas dificuldades não se circunscrevem unicamente no campo político e econômico. No circuito artístico, a urgência da realidade social parece golpear de uma maneira especial artistas latinoamericanos, e

Subprojeto Pibid Artes – Música - Educação Musical e Diversidade - Um Relato de experiência

Nelson Rodrigues Pombo Junior(1)
Instituição de Origem - UFMG
e-mail: nelsonpombojr@ufmg.br

Palavras-chave: educação musical, pibid, diversidade

Com este artigo busco relacionar o objeto de minha pesquisa, um relato de experiências sobre o Subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), Artes – educação musical e diversidade, com a participação no Colóquio de Pesquisa em Artes, em que tive a oportunidade de realizar diversas trocas de saberes acadêmicos, reflexões e encontros. Neste processo foi possível perceber, através dos encontros presenciais que as minhas angústias, frustrações e realizações são parecidas que a de outros professores de arte.

O fato de ir além da participação em uma mesa, falar da minha experiência e do projeto de pesquisa, mas participar de forma ativa dos desafios, de expressão corporal e plástica foi uma experiência muito significativa. Eu compreendia um colóquio como atividade formal, estática e para mim foi libertador a forma como se deu a organização do mesmo, que contribuiu para a diminuição da ansiedade e da tensão de falar em público, em função da comunicação da pesquisa.

Neste sentido o Subprojeto possui diversidade de temas, de pessoas, que são de lugares diferentes e possuem vivências próprias, experiências que se cruzam e assim formam novas trilhas. Desta forma um novo desenho foi se formando e começando com os desafios, que nos levaram a outros lugares, como a atividade proposta pelo Professor Eugênio Horta, que culminou com a de criação de cabeças gigantes com papel. O autor relaciona que em sua atuação no contexto acadêmico tem-se “capacidade de formar e difundir conhecimento, respeitando, pontuando e estimulando a especificidade de cada área, assim como na possibilidade de relacionar, acrescentar e ampliar-se pelo diálogo com as outras áreas” Horta (2010).

Percebe-se que esta abordagem traz uma leveza ao processo, de forma que se relaciona com os objetivos do Subprojeto, objeto de pesquisa, em que no ensino da música e na educação como um todo, não precisa ser uma atividade massante, cansativa, desagradável e difícil, podendo ser tratado de forma lúdica, atraente e até divertida como destaca Schafer (1991), em seus estudos com paisagem sonora e como traz Barbosa (2011), com a proposta triangular, que contempla a “produção (fazer artístico), a leitura da obra ou imagem e a contextualização”.

¹ Professor do Ensino Médio pela Rede Estadual de Minas Gerais, Licenciado em Educação Artística com Habilitação em Música ESMU/UFG; Pós-graduado em Produção de material didático para Linux Educacional UFLA e Mestrando no Programa Prof-Artes/UFMG.

As experiências vivenciadas pelos estudantes são discutidas a luz de referenciais teóricos, possibilitando a todos os participantes a reflexão sobre prática, e desta forma uma aprendizagem da docência em que tanto os licenciandos como os professores assumem o protagonismo da própria formação docente (ANDRADE, 2020)

Neste sentido, o Subprojeto se propôs a levar o ensino da música com a temática da diversidade, na escola básica em um processo colaborativo e horizontal, de forma que todos os envolvidos, bolsistas e colaboradores, são levados a propor atividades e refletirem sobre estas práticas. Desta forma, com a pesquisa vamos analisar todo o processo de implantação, desde a publicação do edital até a sua finalização, focando no período de intervenções na escola. Para tanto vai ser feita uma análise do material que foi produzido ou utilizado pela equipe, como atas de reuniões, referenciais teóricos, gravações das aulas, planos de aula, sequências didáticas e os relatórios produzidos.

Será feita uma pesquisa junto aos estudantes matriculados na escola, aos quais o pesquisador atuou ou atua como docente da disciplina de Arte, junto aos bolsistas de licenciatura em música e educação musical, com os professores supervisores, a coordenadora do subprojeto e coordenação geral. Com base nestes registros serão criadas categorias de análise para verificar a efetividade ou não das ações propostas pelo subprojeto.

São diversas cabeças, com corpos e mentes e trazem características próprias que de certo modo se percebem parte de um corpo maior, que vai se entrelaçando em nestas trilhas que vão se emaranhando nesta diversidade que a cultura e a música proporcionam. Desta forma vai se buscar entender melhor o subprojeto, que é uma ação que de valorização dos futuros docentes de música que irão atuar na educação básica. Com isto busca-se uma forma de conhecer melhor a realidade desta que é uma política pública que realiza uma interface entre a Universidade, os licenciandos, professores da escola básica e alunos, em um processo de constante troca de saberes entre estes atores.

Pude perceber, não só pela forma e conteúdo dos trabalhos, mas pela possibilidade de troca de experiências pessoais, para além das atividades acadêmicas, mas uma vivências em que histórias, com caminhos diferentes, projetos distintos, que se cruzam em determinados pontos, com novas trilhas e novos caminhos a percorrer.

Referências

Exemplos

ANDRADE, Ana Paula & GINO, Andréa Silva. **A presença da arte no PIBID UEMG: diálogos entre arte e educação**. ISSN: 2318-8537SCIAS. Arte/Educação, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, jan./jun. 2019. Disponível em <<https://revista.uemg.br/index.php/scias/article/view/1168/pdf>>. Acesso em 28 de Julho 2020.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Ensino da arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos**. São Paulo NEaD UNESP, 2011, p 47 – 55.

EGRESSOS DA GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM DANÇA DA UFMG: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA EM BELO HORIZONTE E REGIÃO METROPOLITANA

Mestranda Rayane Nátale Calixto
Universidade Federal de Minas Gerais
e-mail: rayanecalixto@hotmail.com

Profª. Drª. Ana Cristina Carvalho Pereira
Universidade Federal de Minas Gerais
e-mail: anacristina.cpereira@gmail.com

Palavras-chave: graduação em Dança; atuação profissional; Educação Básica pública.

A presente pesquisa em andamento pretende investigar a atuação de artistas-docentes egressos do curso de Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG, na Educação Básica pública em escolas de Belo Horizonte e Região Metropolitana, discutindo quais são as principais características desses profissionais e desse campo de trabalho, analisando as potencialidades, desafios a serem minimizados e horizontes possíveis para a atuação de especialistas de dança na educação regular.

Pretende-se ainda, apresentar e pleitear aspectos da abordagem de dança nas escolas, relacionando-a a incorporação e presença de diplomados na área em instituições de ensino formal, além de estabelecer parâmetros sobre a dança estar ou não mais perto da “cesta básica” dos currículos escolares dos estudantes do país, como um direito de acesso e não como um privilégio aos que têm condições de pagar (ALVARENGA, 2018).

Do ponto de vista dos marcos legais, a Arte consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96) como um componente curricular obrigatório em todos os níveis da escolarização básica desde 1996, sendo a Dança assuntada como linguagem desse componente apenas vinte anos depois, com a Lei 13.278/16. Essas legislações, unidas a publicação do PCN-Arte¹ em 1997, acrescidas de diretrizes e referenciais oficiais elaborados em consonância com a publicação da LDB de 1996, como por exemplo as DCN² dos cursos de Dança, caracterizam-se como expoentes importantes, mas não resolutivos, nos processos de legitimação do ensino de Arte e Dança nas instituições escolares (BRASIL, 1997).

¹ Parâmetros Curriculares Nacionais (Arte) é um documento regulamentador que traz pela primeira vez a distinção das linguagens artísticas dança, teatro, música e artes visuais para o contexto da escolarização básica.

² Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos superiores em Dança, elaboradas no ano de 2004, demonstrando um andamento à valorização da Dança como componente curricular da Educação Básica.

A primeira graduação em Dança³ no Brasil data de 1956, porém a expansão desses cursos superiores se dá principalmente a partir do ano de 2007, com o REUNI⁴, que acaba contribuindo significativamente para a ampliação do acesso ao ensino superior e para um aumento considerável no número cursos superiores em Dança no país, dentre licenciaturas e bacharelados.

No que compete ao contexto do estado de Minas Gerais, existem apenas duas universidades que ofertam cursos superiores em Dança, sendo elas UFV E UFMG⁵. A pesquisa em andamento, portanto, se centra nos egressos do curso de Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG, entendendo-a como um lócus de formação que pode contribuir para inserção e permanência de profissionais diplomados em Dança no campo de atuação da Educação Básica pública, e conseqüentemente, para a consolidação da abordagem de dança nas escolas de Belo Horizonte e Região Metropolitana.

A realidade a que artistas-docentes diplomados em Dança têm sido apresentados cotidianamente contempla empecilhos de diferentes ordens, esse contexto se inicia desde os editais para concursos públicos que ainda se estruturam a partir de uma lógicas generalistas, desconsiderando as formações de licenciaturas específicas da Arte e reforçando lógicas polivalentes para o ensino do componente, e abrangem descompassos posteriores à incorporação desse profissional na escola, como questões de estrutura física, carga horária, aspectos orçamentários, curriculares, legislativos e sociopolíticos, etc.

Completados mais de seis anos desde a Lei 13.278/16, que previa o tempo de cinco anos para a capacitação adequada de professores em número e formação o suficiente para atuação no ensino de dança e demais linguagens artísticas na Educação Básica do país (BRASIL, 2016), quais dinâmicas de fato se transformaram nesse contexto, de modo a garantir a efetivação da dança na educação regular?

Na tentativa de encontrar respostas para esse questionamento e outros tantos pertinentes à esse recorte serão realizadas entrevistas semiestruturadas (Guazi, 2021) com artistas-docentes que atendam ao critério de seleção da pesquisa, egressos da Graduação em Dança-Licenciatura da UFMG que atuam na Educação Básica pública em Belo Horizonte e Região Metropolitana, e que tenham disponibilidade para participação na pesquisa que já está em processo de submissão ao COEP (Comitê de Ética e Pesquisa). Será realizada uma análise bibliográfica, valendo-se de documentos regulamentadores da

³ O primeiro curso superior de Dança no país iniciou-se na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 1956.

⁴ O REUNI caracteriza-se pelo Programa de Apoio a Planos de Estruturação e Expansão das Universidades Federais, implementado pelo Governo Federal do Brasil através do Decreto 6.096/17.

⁵ Universidade Federal de Viçosa e Universidade Federal de Minas Gerais, respectivamente.

prática artístico-pedagógica, como PCN-ARTE, BNCC⁶, CRMG⁷, das legislações, como as LDB'S, as leis 13.278/16 e 13.415/17⁸, além da revisão de literatura pertinente ao contexto da Arte e da Dança na Educação Básica, como Barbosa (1989), De Souza Vieira (2015), Marques (1997, 2012), Pronsato (2012), Vilela (2010), Strazzacappa (2003, 2014), Alvarenga (2018), etc. Autores como bell hooks, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Luana Tolentino também serão trazidos para compor as discussões sobre a realidade artístico-docente e as possíveis contribuições de especialistas de dança para uma educação emancipatória, diversa e sensível.

Strazzacappa (2014) ao realizar um balanço do ensino de dança desde a promulgação da LDB 9.394/96, destaca um contexto de oscilação constante tal qual um estilo de dança que se dá no ir e vir, avançando em alguns aspectos e retrocedendo em outros, em movimento constante. Entretanto, esse mover ainda que contínuo, tem se mostrado insuficiente na garantia da presença, e permanência, do diplomado de dança na Educação Básica pública e na consolidação do ensino de dança nesse espaço.

Referências

ALVARENGA, A. L. de. A Licenciatura para Dança na Escola de Belas Artes da UFMG: Nem tudo são flores, mas já é possível construir um belo buquê. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], v. 8, n. 16, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15597>. Acesso em: 30 nov. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil: Realidade Hoje e Expectativas Futuras. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536/10087>. Acesso em: 16 jun. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394**, 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10. jul. 2020.

_____. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Vol. 6 Brasília: MEC / SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>. Acesso: 11. jul. 2020.

_____. **Lei Nº 13.278**, de 2 maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília: Câmara de Notícias, 2016. Disponível em:

⁶ Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

⁷ Currículo de Referência de Minas Gerais (CRMG).

⁸ A lei 13.415/17, é conhecida como lei da Reforma do Ensino Médio, iniciou-se a partir da Medida Provisória 746. Essa lei também alterou a LDB, trazendo alterações de carga horária e currículo, determinando direcionamentos através da Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos.

<https://www.camara.leg.br/noticias/487394-lei-inclui-danca-eteatro-entre-as-disciplinas-obrigatorias-da-educacao-basica/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 06.jul. 2020.

GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021. Disponível em: <https://revista.ufr.br/rep/article/view/e202114#:~:text=A%20t%C3%A9cnica%20de%20entrevista%20foi,rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20cada%20uma%20delas>. Acesso em 06 jun. 2022.

STRAZZACAPPA, Márcia. O swing do ensino de dança no Brasil: um balanço de quase duas décadas. **Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança**, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/viewFile/11701/9321>. Acesso 22 jul. 2020.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO CONTINUADA NO ENSINO DA DANÇA COMO CONSTRUTORA DE CONHECIMENTO CRÍTICO, CRIATIVO E AUTÔNOMO NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA - GOIÁS

Rogério Pereira dos Santos
IFG-Campus Aparecida de Goiânia
roger.ed.fisica@hotmail.com

Palavras-chave: Formação continuada. Dança. Somática.

Esta pesquisa investiga de que forma a dança é lecionada por professores do Ensino Fundamental I no Município de Maurilândia, para diagnosticar e identificar as dificuldades e desafios ao se lecionar com esse conteúdo. Será construído e aplicado uma formação de professores específica, na rede Municipal de Maurilândia; a linguagem da dança será priorizada visando colaborar e discutir sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos professores na atuação desse conteúdo. Será valorizada a dança como arte, formando alunos autônomos, criativos e críticos capazes de terem uma melhor compreensão e ação ética sobre a realidade.

Nessa formação pretendo elaborar, como produto educacional, uma Proposta Pedagógica redigida em forma de Sequência Didática ou *e-book* e um dos conteúdos será a Educação somática no contexto escolar com crianças na idade do Ensino Fundamental I.

Neste texto dialogo com os referenciais temáticos visto na disciplina com a temática Educação somática. Durante a disciplina de Artes do corpo e práticas pedagógicas, do IFG, aproximei-me do campo da Educação Somática e pergunto: como ela pode contribuir no conteúdo de dança na escola?

Faz-se importante ressaltar que não pretendo copiar ou me apropriar de nenhuma técnica e sim de conceitos e com eles formular algumas aulas sobre os objetivos selecionados. Também não aplicarei Educação Somática, pois não sou qualificado, o que farei é usar técnicas diversas partindo de referenciais teóricos.

Faz-se necessário o alinhamento entre o campo da somática e a dança a fim de termos uma percepção mais qualificada. Sobre a Somática utilizaremos que Pizarro (2020) chamou de conhecimento corporalizado: o corpo é experiência vivida é fonte de pensamentos, emoções, sentimentos; não existe separação de corpo e mente e há importante relação do movimento com a aprendizagem.

INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS – IFG e UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

Colóquio de Pesquisa em Artes: Corpo Design Experiências

Escola de Belas Artes – EBA/UFMG, realizado em 21, 22 e 23 de junho de 2022

Página do evento: <http://www.ifg.edu.br/profartes?showall=&start=2>

A Educação Somática engloba um conjunto variado de conhecimentos, através disso pretendo organizar algumas técnicas com objetivo de que o aluno tenha consciência corporal de forma cognitiva, sensorial e motora, ou seja integral, partindo da premissa de que “nenhum ser humano é igual ao outro e de que essas diferenças deveriam ser respeitadas e mantidas” como cita Strazzacapa (2009, p. 49).

Planejo que as aulas tenham parte individual e coletiva (em dupla ou grupo), que sejam dinâmicas, pois as crianças têm uma inquietude natural, lúdicas e divertidas; que explorem sempre a criatividade para desenvolverem novas atividades a partir das propostas; que aticem a criticidade através de pensamentos sobre a atuação do seu corpo e da sua atuação no mundo; e a autonomia para construir sua moral a partir de valores éticos.

Devemos preparar o aluno para consumir a dança, sabendo analisá-la reflexivamente, isso demanda um conhecimento sobre a história da arte e suas mudanças ao longo do tempo. Os contatos com conhecimentos culturais diversos possibilita a empatia que forma sujeitos mais tolerantes, quando entendemos a cultura do outro somos capazes de valorizá-la. Uma das formas de transformação dessa realidade é o investimento na formação continuada de professores para compreender e aperfeiçoar métodos de trabalho, mais especificamente, sobre a dança. Em concordância com Lara e Vieira (2010, p. 151) alguns conteúdos não podem faltar nas aulas de dança na escola:

Os saberes que, necessariamente, são trabalhados na prática, suscitando reflexões teóricas são: processos de sensibilização, experimentação e criação; expressão corporal; propostas somáticas; teoria musical; elementos do movimento (coreologia de Rudolf Laban); composição coreográfica e solística; dança moderna e contemporânea; danças de salão; danças populares/folclóricas; brincadeiras cantadas; outras manifestações dançantes. As avaliações são teóricas e práticas, sendo comum a organização de festival ou mostra como parte da avaliação e encerramento da disciplina.

Em concomitância com as técnicas de Klaus Vianna explicitado pelas premissas da Jussara Miller (2007) proponho aulas para “despertar do corpo”, rompendo preconceitos sobre si e corpo do outro, propondo novas vivências, explorando diferentes planos, níveis e posições corporais, causando por vezes um desequilíbrio corporal em constante aproximação com a dança. Por fim, valorizar sempre o conheci-

O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA ARTE AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosemary Cristina Borges dos Santos Godoi
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
rosemarycristina1980@gmail.com

Palavras-chave: ensino-aprendizagem; arte afro-brasileira; educação básica.

O presente resumo constitui parte do projeto de pesquisa em andamento do Prof-Artes/UFMG, cujo tema é o processo de ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras na Educação Básica e a linha de pesquisa abordagem teórico-metodológica das práticas docentes.

A ausência do ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras e indígenas coloca a apresentação das diversas culturas em desigualdade de informação em relação a outros povos, além de induzir a ideia de que elas não existem ou que não fazem parte do conhecimento a ser construído.

A pesquisa será norteadada pelo seguinte problema: como é tratado o processo de ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira contemporaneamente, respeitando a herança cultural, evidenciando o presente de modo a contribuir com a educação para as relações étnico-raciais no ambiente escolar?

De acordo com CONDURU (2007, p.11), pode-se tomar a arte afro-brasileira como

Qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética, a religiosidades africanas tradicionais e, de outro, os cenários sócios culturais do negro no Brasil. Assim é preciso pensar coisas e ações indicadas pelo cruzamento de arte e afro-brasilidade: de obras de arte à cultura material e imaterial.

A Lei 10.639 sancionada em 2003, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Lei 9394/1996 e incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". Em 2008, a Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que também altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira e Indígena".

O artigo 26, parágrafo 2º da Lei 11.645/2008 destaca que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no

âmbito de todo o currículo escolar, em especial nos componentes curriculares Arte, Literatura e História.

Segundo Barbosa (2020), as manifestações visuais de negros e negras inspiram ainda poucos estudos acadêmicos. Embora o campo de estudos sobre o negro no Brasil nos ofereça algumas referências, a produção se vincula às temáticas ligadas a escravidão, religiosidade, literatura, idioma, músicas e costumes. Entre os antigos estudos da arte afro-brasileira era comum a não identificação étnica dos artistas; os artistas negros não eram historiados, a arte de origem negra ou africana era desconhecida da história da arte.

A maioria das manifestações negras e mestiças era perseguida e criminalizada, especialmente durante o século XIX e início do século XX, quando o negro se tornara um problema para o ideal de civilização branca brasileira. (BARBOSA, 2020, p.18)

Sendo o modelo europeu uma diretriz a ser alcançada pela colônia portuguesa e pelos governos brasileiros desde o período colonial, Kinamboji (2019) destaca que o processo de exclusão dos povos negros e indígenas e suas respectivas culturas é apagado, silenciado, ignorado ainda na contemporaneidade. O que vivemos ainda em 2022 é resultado de mais de quinhentos anos de violência colonizadora a perseguir, proibir e desprezar as culturas de cunho afro-brasileiras e indígenas para impor a matriz europeia, internalizada como natural.

Nesse sentido, faz-se necessário pensar em práticas educativas que ofereçam estudos e pesquisas sobre matrizes estéticas negro-africanas, negro-brasileiras e indígenas, permitindo reunir diferentes contribuições acerca de uma temática que necessita ser investida e devolvida, como um conhecimento de relevância, a comunidades, artistas e universidade. Segundo Barbosa (2008, p.18),

A Arte capacita um homem ou uma mulher a não ser estranho em seu meio ambiente nem estrangeiro em seu próprio país. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus lugares no mundo.

A arte é capaz de sensibilizar para as diferenças; por isso pode possibilitar o combate à discriminação étnica e/ou cultural e responder à diversidade racial e cultural de maneira positiva e responsável.

Com isso, o objetivo geral do projeto é elaborar uma proposta pedagógica em que o ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras considerem tanto a herança cultural quanto a contemporaneidade. Os objetivos específicos são: identificar princípios e condições necessárias ao ensino/aprendizagem das artes afro-brasileiras no contexto escolar da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte; identificar quais são os referenciais negros

utilizados no ensino/aprendizagem da arte afro-brasileira pelos professores de 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental; identificar ações pedagógicas que contribuem para implementação do ensino das artes afro-brasileiras; relacionar ações e práticas escolares que contribuem para a educação das relações étnico-raciais.

A pesquisa é de cunho qualitativo, em que no primeiro momento será feito levantamento de referências sobre o tema. Também será realizado questionário com professores do 2º e 3º ciclos do Ensino Fundamental e entrevista semiestruturada com professores do Núcleo de Estudos das Relações Étnico-Raciais da Rede Municipal de Educação/BH. Tanto os questionários e as entrevistas serão online. Após realização dos mesmos haverá tratamento de dados.

Referências

ANTONACCI, Célia Maria. **Apontamentos da Arte Africana e Afro-brasileira Contemporânea: políticas e poéticas**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2021.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BARBOSA, Nelma. **Arte Afro-brasileira: identidade e artes visuais contemporâneas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

BRASIL. **Lei 10.639/2003** de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de Março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONDURU, Roberto. **Arte Afro-brasileira**. Belo Horizonte: C/Arte, 2007.

CORRÊA, Antonio Matheus do Rosário; AMORIM DOS SANTOS, Raquel. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE CRIANÇAS NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 10, n. Ed. Especi, p. 693-720, jun. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/438>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: 10.17851/2317-2096.9.38-47. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 30 mai. 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação**. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: MEC, 1999.

GOMES, Nilma Lino. **O impacto do diferente: reflexões sobre a escola e a diversidade cultural**. In: Educação em foco, Belo Horizonte, a. 4, n. 04, dez. 2000, p. 21-27.

MATTOS, Nelma Cristina Silva Barbosa de. ARTE AFRO-BRASILEIRA: CONTRAPONTO DA PRODUÇÃO VISUAL NO BRASIL. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 11, n. 27, p. 165-183, fev. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/670>>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TATA KINAMBOJI, Arthur Leandro /. RELATOS E EXPERIÊNCIAS SOBRE NÓS, OS DE ARUANDA!. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 11, n. 27, p. 113-138, fev. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/667>>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Segundo Fernanda Almeida (2016, p. 35) a dança com a pequenada “necessita estimular a descoberta e não a padronização; a improvisação e não a repetição de movimentos previamente determinados pelas pessoas o tempo todo”. Com este pensamento, e com intuito de ampliar conhecimentos das crianças pela dança, nossos encontros se iniciaram com movimentos clássicos da técnica Vaganova trabalhando o corpo todo de maneira fluida. Em seguida, atravessadas pela técnica somática de Klaus Vianna, as crianças são motivadas a se atentarem ao todo, ao momento presente, ao seu corpo e ao dos colegas.

Os recursos da dança na educação seguem também ao longo da aula, para que improvisações e possibilidades expressivas possam ocorrer. Isabel Marques (1999, p.75), tem sua visão correlata ao objetivo da pesquisa. Para Marques, a menos que estejamos falando de um ensino de balé clássico crítico, contextualizado, desconstruído e explicitamente reconstruído dentro de uma perspectiva contemporânea, as metanarrativas (ou verdade universais) continuarão presentes no ensino da dança. Tais verdades, que pregam virtuosismo e tecnicismo, se não problematizadas, ultrapassam as paredes das salas de aulas das academias e/ou dos palcos e invadem escolas com ideias de dança que se presentificam no imaginário não só de nosso alunos, mas também de profissionais e grande público.

Precisamos promover a aproximação de crianças com a linguagem artística da dança indo além do que é anunciado e divulgado na indústria cultural, para estimular sua valorização e ampliar o conhecimento de arte e cultura no país. Nesse sentido, Alba Vieira et al. (2011, p. 11) defende o ensino da dança em instituições de educação infantil para promover a democratização de seu ensino, que muitas vezes é restrito e/ou elitizado.

Apesar desta pesquisa estar em andamento, é possível notar suas reverberações nos alunos. O conhecimento corporal e consciente que as crianças têm adquirido ao longo dos nossos encontros é percebido em seus movimentos e/ou em suas falas. A experiência estética se modifica, pois crianças que na maioria das vezes observam o movimento de colegas, já começam a criar seus próprios movimentos. Assim, as diversas formas de expressão que trabalhamos tem ampliado repertórios e possibilidades de movimentos em seus corpos.



incomum
revista

<https://revistas.ifg.edu.br/incomum>



**INSTITUTO
FEDERAL**
Goiás